

Textos

Vanessa Locatelli Pietrobelli

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 26/03/2019

Título : 1930

Categoria: Crônicas

Há um ano nesta rua e somente há poucos dias notei que uma das casas, em frente ao meu prédio, tem inscrito na sua face o número 1930.

Não quero e nem pretendo bancar as epifanias de Clarice, no entanto, como pude sobreviver um ano inteiro sem notar aquela residência? Logo as casas velhas que sempre me desatinam filosofias!

Não pude estar feliz no dia em que notei aqueles números. Abri a porta do apartamento cabisbaixa e entupi a rede de esgoto do meu corpo de café. Dezenas de tipos de reações químicas e de doenças virais me esperaram a noite inteira nos cadernos de aula. Não os pude abrir.

Sentei-me no braço do sofá e passei horas da madrugada fitando a fachada da casa, através do vidro sujo da janela da minha sala de estar. A cidade é um monstro com pés e braços e muitos olhos que nos vigiam constantemente. Talvez, por isto, eu tenha estado movida pela casa de 1930, que suponho ser o ano em que fora construída.

Há um ano nesta rua e somente há poucos dias descobri a senescência dos asfaltos, dos cimentos? Tal fato não mereceria a ameaça de suicídio de uma unha, de um anel, de uma veiazinha sequer do meu braço esquerdo?

Não fui capaz de dormir. A noite, pela janela desta cidade, deixa os trovões mais altos, a chuva mais fria e o esgoto mais cheio. As casas senis apodrecem junto de nós: a hera, os plásticos, as vitrines.

1930 despedaça todos os dias com o seu homem calvo, comigo e com as lesmas. 1930 também foi o ano de Getúlio. Mas o que sabem as casas e os poetas de política?

Há um ano nesta rua e só há poucos dias notei-me.

Data : 16/01/2015

Título : A baliarina dos versos brancos

Categoria: Poesia

Descrição: Escolhi ser poeta

Escolhi ser poeta

Quando a poesia escolheu-me

Para bailarina de versos brancos.

É no papel que eu melhor danço os clássicos

Que primeiro inventaram.

Talvez me julguem a centena de anos

Que supõem nessa exímia epiderme

Por terem me descoberto

A primeira dama a detestar os salões de baile.

É no papel que eu melhor danço.

Data : 16/01/2015

Título : A canção da insônia

Categoria: Poesia

Descrição: Não sei em qual lugar ponho as mãos quando durmo

Não sei em qual lugar ponho as mãos quando durmo
E se a amplitude me engole
Termino por desconhecer o que pinto com as aquarelas.
As mãos, eu as enrolo em meu pulso
E nino os meus ossos
Na vil arte de coser dormiduras.
Também outras vezes
Eu separo as duas mãos em duas ilhas
E navego, quieta, entre as canoas de quitina.
Foi só há pouco que descobri o leito de minhas mãos,
Desfazê-las em pós de desenganos.
Hei de pulverizar meus ossos.

Data : 12/11/2014

Título : A caneta

Categoria: Poesia

Descrição: A caneta

A caneta

Eclipsou a palavra.

Umbra. Penumbra.

Penumbra. Umbra.

Data : 16/01/2015

Título : A grama e a estátua
Categoria: Poesia
Descrição: A grama e a estátua

A grama e a estátua
E o ferro moldado a bancos de cidade
A cuia e a flor
E o pó e a alma lapidada a cigarros
Tudo me range e me esculpe
Em cimentos

Data : 12/11/2014
Título : A grande história da humanidade
Categoria: Poesia
Descrição: As palavras eram tão insanas

As palavras eram tão insanas
Que sumiram do papel.

Data : 12/11/2014
Título : A Língua
Categoria: Poesia
Descrição: As reticências

As reticências
Têm sabor de azeitona.

Data : 17/11/2014

Título : À Lua

Categoria: Poesia

Descrição: Eu saberia quão frias Estão tuas retinas

Eu saberia quão frias
Estão tuas retinas
Enquanto eu enxergo a avenida
Nos meus olhos errantes.
Daqui da janela
Já possuo a insônia
Desses teus clarumes de leite
E do jorro das tuas gotas de lágrimas.
Mas de que me valeria saber
Em que modo verbal eu escrevo
Se tu, para sempre banharás de prata
O vazio dos meus olhos
E a consistência dos meus versos?
À penicilina de Dr. Fleming

Data : 23/04/2014

Título : À Maria Pequena

Categoria: Poesia

Descrição: Todo lugar é um templo E todo verso é osso de gente.

À Maria Pequena

Todo lugar é um templo
E todo verso é osso de gente.
Gente é palavra. Gente é combate.
Gente é carne e memória.
Ao fundo passo do miocárdio
Bate o concreto dessa urbe
Na veia aberta de Maria Pequena.
Porque é de gente e de sentimento e de veia
Que crê essa cidade na sua santa.
Porque é de gente e de coração
Que se faz de uma mulher, um povo.

Data : 13/11/2014

Título : A nanogota de sangue

Categoria: Poesia

Descrição: A nanogota de sangue Que me esvai o pernilongo

A nanogota de sangue
Que me esvai o pernilongo
Pela madrugada
Sufoca outros trinta poemas
E acende centenas de insônias
Até que seja parida a manhã
E as páginas albinas
Morram de sol.

Data : 13/11/2014

Título : A palavra solidão

Categoria: Poesia

Descrição: A palavra solidão É só

A palavra solidão

É só

Mas a solidão, em si,

Tem mais companhia

Que tu e eu juntos.

É que ela anda

Juntando legiões silenciosas

Que os seres humanos

Estão palmilhando.

Bonita essa palavra, não é?

Acho que vou inventar

Um poema com esse nome.

Data : 01/01/2018

Título : A porta do consultório nº 2

Categoria: Poesia

Descrição: Quando a porta nasceu (simétrica, amarela, férrea)

A porta do consultório nº2

Quando a porta nasceu

(simétrica, amarela, férrea)

Não imaginou que amaria as costas de um psiquiatra, por anos a fio.

Quando a porta nasceu

(parida às 37 semanas, com mecônio impregnado)

Mal podia pensar no delírio de ser rota de fuga, mais do que porta.

A metamorfose da porta

Despontou subsídio pra metros de exame de estado mental em todos esses anos
ansiando só por tinta.

Data : 16/01/2015

Título : A tentativa da imagem (ou, a sua persistência)

Categoria: Poesia

Descrição: Teus olhos

Teus olhos,

Aos teus olhos

Eu oferto

Esses óculos de girassóis de Van Gogh.

Data : 01/01/2013

Título : A voz da poesia

Categoria: Poesia

Descrição: Hoje eu não vou incriminar as rimas Não vou maldizer os épicos

Hoje eu não vou incriminar as rimas

Não vou maldizer os épicos
Não vou brincar de doutora
Hoje eu quero a onomatopéia
A representação rara
O som verdadeiro.
Só que a onomatopéia da poesia
Veio a ser o silêncio.

Data : 01/01/2018

Título : Abuso

Categoria: Poesia

Abuso

Selvagem criança
Tão sã quanto um pai
De santo.
De fora da creche
Cresce teu Édipo
Afinando, afinando
Igual endometriose e cigarro
Igual ranho e ritalina
Feito miragem
Nas colinas de chorume.

Data : 13/11/2014

Título : Academia de Letras
Categoria: Poesia
Descrição: Estou malhando as palavras

Estou malhando as palavras
Para desenvolver-lhes os músculos.
Bastariam seus significados
Mas deram para designar-lhes corpo.

Data : 16/01/2015
Título : Advertência
Categoria: Poesia
Descrição: A mãe adverte:

A mãe adverte:
Meu filho
É melhor não gastes
Todas as folhas do teu caderno
Com poemas.
Deixa também
Para as equações.
Deixa também para ser bonito
Contemplar
Folhas em branco.

Data : 16/01/2015

Título : Alguma história
Categoria: Poesia
Descrição: Aquele que chorava de um olho só

Aquele que chorava de um olho só
Perdeu três costelas num jogo de cartas
E disse adeus ao bolo inglês
Que eu levava
Toda tarde
Pra cheirar o por do sol.

Data : 22/02/2018
Título : Amarelo, amarelo
Categoria: Poesia
Descrição: Tua casa nasceu nua Nem panelas, nem galinhas

Amarelo, amarelo

Tua casa nasceu nua
Nem panelas, nem galinhas
Nem a rua foi tua
As labaredas de pó não nasceram
Do teu ventre
Nem a erva vingou dos teus crisântemos
Plantou-os para o próprio funeral, aliás?
Foi em vão
Há flumazenil, minha amiga,
Que corre no sangue dos que ainda não estão prontos para morrer

Data : 14/11/2014

Título : Amargo

Categoria: Poesia

Descrição: Não há uma raposa no meu pátio, Tem uma raposa no meu pátio

Não há uma raposa no meu pátio,
Tem uma raposa no meu pátio
Que está a subir pela sacada
E você achando que eu amaria os animais
Verá esta senhora digna de poemas
Desejando as vísceras da raposa
Tanto quanto as vísceras da língua portuguesa.

Data : 17/11/2014

Título : Anonimato

Categoria: Poesia

Descrição: Please, Leve-me ao Plaza

Please,
Leve-me ao Plaza
E dê-me um quadro
Pinte-me como eu pensaria
No dia de minha aurora
Dê-me a fossa condilar e um forame

Um canal

Uma tevê e um copo sujo de impressões digitais

Data : 10/06/2018

Título : Ao editor

Categoria: Artigos

Descrição: Essa cidade me tem como nenhum outro jamais me teve.

Ao editor

Vanessa Locatelli Pietrobelli

Perdão por iniciar em primeira pessoa, editor. Há tempos não escrevo textos que não sejam prontuários e receitas controladas. Há algum tempo, também, que não envio cartas e nem vejo meus pais. Na última páscoa, editor, eu não pude ir para casa. Nem no dia das mães. Essa cidade me suga como um ralo novo de inox.

Ao menos cinco capítulos novos sobre ortopedia foram acrescentados em minha lista de leituras obrigatórias, segunda-feira passada. Mas eu tenho outros dez de clínica e pediatria para ler e mil vontades de abrir o Kaplan, outra vez. Otorrinolaringologista foi a maior palavra que eu já pude soletrar, editor, e eu finjo graça quando as senhoras com edema de Reinke e suas vozes crocantes dizem que pareço nova demais para mandá-las parar de fumar.

Aliás, editor, às seis da manhã faz um frio danado aqui no centro de Passo Fundo. Da minha janela esquerda vejo a luz do pensionato das freiras e seus joelhos dobrados orando sabe-se lá por quem. Meu hospital tem nome católico, mas há mil deuses diferentes saindo do bloco cirúrgico que eu nem mais sei. Essa cidade me suga feito hemodiálise, com fístula e tudo.

Há tempos não tomo só duas xícaras de café pela manhã, querido editor. E há quatro anos que decorei seis ou sete ruas, apenas. Aprendi tanto sobre dopamina que meu próximo gato vai ter esse nome, com certeza. Não há toque retal que doa mais do que um surto maníaco, editor. Descobri que aqui eu vejo o pior e o melhor de mim, feito sociopatia e amor. Essa cidade me fluoxetina inteira, da cabeça aos pés.

Essa cidade me tem como nenhum outro jamais me teve.

Data : 17/04/2014

Título : Ao Latim

Categoria: Poesia

Descrição: E vai andando E dizendo

E vai andando

E dizendo

E sendo ouvido

E sendo

Necropsiado

Pelos

Dicionários.

Era a primeira vez

Que um poema nascia

Com propósitos de dizer

Premeditado

Quanto dói um gerúndio.

Data : 16/01/2015

Título : Arte

Categoria: Poesia

Descrição: Minha casa tem três cadeiras

Minha casa tem três cadeiras

Nas quais se sentam

Três finitudes

Eu

Tu

E um maço de cigarros que enfeitava as tristezas

Data : 01/01/2013

Título : As mãos nunca enganam

Categoria: Poesia

Descrição: Há tanto tempo Que essas células que chamam de epiderme me intrigam.

Há tanto tempo

Que essas células que chamam de epiderme me intrigam.

Esmoreço nas rugas incongruentes de minhas mãos

O que será que revela essa pele encolhida

A idade de das ou a idade de alma?

Acho que a identidade me engana.

Creio ter nascido centenária

Sob o fino rosto da jovialidade.

Data : 16/01/2015

Título : As papilas da língua

Categoria: Poesia

Descrição: Morri

Morri de hipopótamo.

Era mais poético do que morrer de ócio.a assim

Data : 16/01/2015

Título : As pulgas da Lua

Categoria: Poesia

Descrição: Se a Lua

Se a Lua

É feita de queijo

E gatos comem a Lua

Que é feita de queijo

Não há dúvida:

A Lua tem pulgas

Data : 13/11/2014

Título : Auto-parasitismo

Categoria: Poesia

Descrição: As veias não são iguais Os tempos são outros

As veias não são iguais

Os tempos são outros

Clandestino

É o meu substrato

Enraizada nesses troncos leitosos

(que me arde a inconstância)

Sugar a seiva da palavra

É o que tenho para o almoço

Para o jantar, talvez,

Eu tenha de server outros romances

E outros tantos dígrafos...

Talvez eu tenha de amarrar-me
A tiras de metal no substrato.
Querer sair me entranha em mim
Sugar
Sugar novamente
As veias tortas
Os tempos de nunca.

Data : 16/01/2015

Título : Azul

Categoria: Poesia

Descrição: Alguém me disse que o silêncio é azul

Alguém me disse que o silêncio é azul
E eu não lembro se essa pessoa
Usava perfume importado ou pantufas de cães.
Não há ninguém, nunca, nesse mundo
Que possa cheirar as nuvens e sentir gosto na boca
Nem semear botinas e colher pés de tomates.
Perdoem a loucura da poeta
Ou não perdoem.
A conta do analista será a mesma.
Tanto faz.

Data : 17/04/2014

Título : Boca Seca

Categoria: Poesia

Descrição: Para Onde Vai

Boca seca

Para

Onde

Vai

A saliva que o dentista me suga o danado ladrão de ptialina amilase e palavra

Data : 16/01/2015

Título : Boca seca

Categoria: Poesia

Descrição: Para

Para

Onde

Vai

A saliva que o dentista me suga o danado ladrão de ptialina amilase e palavra

Data : 14/11/2014

Título : Branco

Categoria: Poesia

Descrição: O céu sem nuvens estaria De acordo com o teu humor

O céu sem nuvens estaria

De acordo com o teu humor

Não fosse o rosto infeliz que tu escondes
(Sob essa face)
E então deveria de estar negro, o céu
Ou tu
Que é o mesmo que você
E vosmecê e todos nós nessa cruel gramática
Em que fomos nos meter.
Contudo,
Para ti as nuvens só têm formas
Quando estás alegre
E falas que nos dias estranhos
Ou o céu está vazio
Ou as nuvens ocas de significados.
E eu,
Que não sou gramaticista nem bióloga
Fico a encontrar tanto hibridismo
De palavra e bichos
Em tuas conjunturas.

Data : 13/11/2014

Título : Camisa de listras

Categoria: Poesia

Descrição: Camisa de listras

Camisa de listras

Produz surdez nas palavras

Se quiseres ser ouvido

Usa a pele crua

Data : 14/11/2014

Título : Cigarro

Categoria: Poesia

Descrição: Estou fumando o lápis E inundando o cômodo escuro

Estou fumando o lápis

E inundando o cômodo escuro

De combustão lírica.

A fome

É só uma palavra com quatro letras.

Data : 22/02/2018

Título : Clínica

Categoria: Poesia

Descrição: Para a febre emocional da vida

Para a febre emocional da vida

Que rodeia a cabeça

O baço

E a destruda catexia dos ânus e anos a fio de

Psicanálise

Para a lise dos trombos

Que aos trancos e barrancos

Entopem projeção

De tantos delírios e outros falsos juízos

Pra essa febre terçã

Que apanha domingos e plantas

Plantões e plasmodiuns

Feito chama que às custas de chagas alarga o peito que arfa

Arfa e nada no tanque dos últimos suspiros
Doutor nenhum é capaz de betaistinas
Que me curem essa vertigem derradeira.

Data : 16/01/2015

Título : Com o tempo

Categoria: Poesia

Descrição: Com o tempo As folhas vazias

Com o tempo
As folhas vazias
Ficam mais raras.
As ideias maduras
Carecem de infância.
O xis das questões
Vira só uma letra.
Tudo o que o poeta não precisa
É de filosofia.

Data : 12/04/2014

Título : Conselhos

Categoria: Poesia

Descrição: [...]É melhor não gatares Todas as folhas do teu caderno [...]

A mãe adverte:

Meu filho

É melhor não gastares
Todas as folhas do teu caderno
Com poemas.
Deixa também
Para as equações.
Deixa também para ser bonito
Contemplar
Folhas em branco.

Data : 16/01/2015
Título : Constante
Categoria: Poesia
Descrição: Eu não quero beber deste café

Eu não quero beber deste café
Mas, me parece,
Que é dele que se tange
A minha parca medicina.
A espuma branca
Dissolve-se com a saliva
E escorre pelo esôfago
Com tanta mimese!
Dissera-me a inexorável mestra
Que períodos longos
Cansam.
Mas o café
Não a ouve
É lento
Hostil
Paulatinamente

Corrói as solicitudes
Disto que ela chama,
Amavelmente,
De gramática.
Queria explicar
Que o café
É como o poeta
Amargo
Profundo
Essencialmente vital
Para essa condição
Que tu chamas
De existência.

Data : 16/01/2015

Título : Corredeiras

Categoria: Poesia

Descrição: A água mineral

A água mineral que cuida de você
O café que é fonte de cálcio
O fio que mantêm a gengiva sadia.
Para onde foram os poetas?

Data : 13/11/2014

Título : Crendice

Categoria: Poesia

Descrição: Tenho opinião formada: Se ao sul o céu é vermelho,

Tenho opinião formada:

Se ao sul o céu é vermelho,

A chuva está longe.

Se dói o joelho,

Vá a um ortopedista

Mas se tu sentires na boca um gosto estranho de palavra,

Corra ao papel que é poesia!

Data : 14/11/2014

Título : Crime

Categoria: Poesia

Descrição: Meu poema mais puro Quis enforcar-se

Meu poema mais puro

Quis enforcar-se

Com a minha veia.

Eu disse-lhe que havia

O junco, o arame, as cordas.

Mas ele queria um fim

Hematófago.

Ele queria viver

Mais do que eu.

Data : 26/03/2019

Título : Croniconto

Categoria: Crônicas

Coisa difícil essa de distinguir um tipo textual do outro. Irrita quem escreve, confunde quem lê.

Scliar disse que o escritor tece seus registros partindo sempre da autobiografia. Disse que isso não é ruim. Mas, pode ser chato. Creio estar caminhando para a chatice. Usar o gerúndio já é evidência disso, dir-me-ia aquela antiga professora de redação.

Fato é que não desejo dar à luz uma redação e, por isto, devia ser livre para escrever na forma verbal que me desse vontade. Aquela professora, contudo, ainda assombra meus vícios literários. Devia ter prestado menos atenção nas aulas. Se tivesse feito, hoje, seria um ser comum e conseguiria escrever “faz com que” sem sentir calafrios na espinha. Maldito dia em que descobri que fazer é verbo transitivo direto. Mas, se Mário de Andrade pode inventariar a intransitividade de “amar”, hei de ser perdoada por algum deslize.

No fim das contas, o que importa é que me sento à página em branco e decido que nascerá uma crônica. Coisa nenhuma. Da chegada ao ponto final, não me caibo em distinguir se o feito é crônica, conto, poema ou aberração. Alguns acham graça, bem sei. A mim, restam os cabelos brancos.

Nessas horas, não raro, conta-se com alguns leitores mais apurados (ou não), os quais indagam, piamente e quase epiléticos, qual a tipagem do texto lido. Há poucos dias, deparei-me com um desses, espécime petulante, afobado. Mas, confesso, rendeu-me boas incursões pela escrita e emprestou-me umas metáforas. Disse-me: tu fazes cronicontos. Rebatí, convicta, que fazia crônicas (deveria zelar, afinal, pela minha dignidade literária). Continuou a dizer que eu fazia cronicontos, o maldito.

A essa altura, presa às falácias da madrugada e regada a muitas xícaras de *Camelliasinensis*, rendo-me àquele leitor. Sofro do pecado de tecer cronicontos. Criei meu próprio monstro, confesso. Já disse o cantor, um dia terei de acertar minhas contas com o diabo.

Data : 01/01/2013

Título : Da inércia dos poetas

Categoria: Poesia

Descrição: Eu sinto o peso das intertextualidades nas costas. Quintanares esvaindo esquinas tristes.

Eu sinto o peso das intertextualidades nas costas.
Quintanares esvaindo esquinas tristes.
Hoje, o céu tão pálido
Taverna noites bandidas
E os boêmios [enxutos pneumáticos]
Proferem canções cansadas
Dessa cacofonia eterna.
Eu sinto o peso das intertextualidades na alma
O instante efêmero [que rouba o relógio]
Da nossa bainha de mielina que se corrompe:
A memória insana vazando
Próxima a uma irônica metáfora.
Eu canto sempre
A sina das sintaxes.
Essas cartas inúteis
A que a decomposição nos condena.
E sigo fardada ao peso.
Ao tão infinito peso
Das intertextualidades nas costas.

Data : 13/11/2014

Título : Da maravilha das sílabas que meus sete anos saboreiam

Categoria: Poesia

Descrição: E Ter No.

E
Ter
No.
E
Ter

Na

Men

Te

E

Ter

No

O delineio das palavras nascidas.

Data : 01/01/2013

Título : Depois do calor dos cimentos

Categoria: Poesia

Descrição: Depois do calor dos cimentos Nunca mais pude ver estrelas.

Depois do calor dos cimentos

Nunca mais pude ver estrelas.

Não que esteja morta, não

É só que dei para viver na selva.

Há tantos gorilas solitários por aqui

Vagando entre os pontos de ônibus

Que quase me fiz um deles

Nessa solidão coletiva.

Data : 14/11/2014

Título : Devaneios

Categoria: Poesia

Descrição: No bloco de notas

No bloco de notas
eu escrevo um poema
só porque é bonito escrever no bloco de notas
acho que descobri a beleza da vida.

Data : 16/01/2015
Título : Do amor à língua
Categoria: Poesia
Descrição: Vou escrever

Vou escrever ÓCULOS
Pelo prazer da escrita
E do latim
Que eu nunca aprendi.

Data : 16/01/2015
Título : Dorsal
Categoria: Poesia
Descrição: A culpa

A culpa
Chupando manga.

Data : 26/03/2019

Título : Emergência

Categoria: Crônicas

Emergência

AC: RR, 2T, BNF, SS

LACO, MUCA, oca

A água sanitária poderia ter tido gosto de purgatório se, ainda que tarde, tivesse lavado o excesso de mentira no terço final da língua. Eu já nem lembro a anatomia das coisas e parece que as telas esmurram seus vidros com a intenção de suicídio que mata metade e deixa sangrando a outra porcentagem.

Ninguém mata todo o excesso de sobra, nem as redundâncias escrotas que caem do reto feito melena e emporcalham a vida de internitudes que não deveriam vir para fora. Há coisas que matam de lugar, sentadas ou em qualquer decúbito inerente ao cansaço e à lassidão promíscua de enfrentar o fim, querendo-o.

De que nos vale ter duas línguas faladas e outras tantas com gosto de nada. Línguas insossas tem mais gosto que as tortas de vinho embebidas em cálices mudos.

Estou com anúria de vida. Preciso de um nefrologista.

Data : 14/11/2014

Título : Energúmena avenida

Categoria: Poesia

Descrição: Que linda lua Demasiada clara

Que linda lua

Demasiada clara

Para morrer de equações.

O equinócio rouba dos arranha-céus

As tintas e as rachaduras.

Mas, que linda a lua

Para viver de ignorância!

Data : 16/01/2015

Título : Enganos

Categoria: Poesia

Descrição: Engana-se o poeta

Engana-se o poeta

Que pensa do descaso

O amigo dos silêncios.

O descaso está

Nos muitos barulhos

Da cidade e suas ruas agitadas.

No silêncio,

Nele só há rebeldia.

Data : 14/11/2014

Título : Espectros

Categoria: Poesia

Descrição: Desenhei borboletas em suas mãos E odiei tê-la visto de olhos

Desenhei borboletas em suas mãos

E odiei tê-la visto de olhos

Assim brilhando

Infantes como metáforas.

Repeti tantas vezes

O desvelo das asas

Como se saísse voando
De pura ilusão cutânea.

Data : 17/11/2014

Título : Estou tentando os bisturis

Categoria: Poesia

Descrição: Estou tentando um registro de esfaquear dermes.

Estou tentando um registro de esfaquear dermes.
Mas parece-me, a cada dia,
Que a ciência dos papeis em versos
É que me designa os diplomas.

Data : 14/11/2014

Título : Eu e o Mundo

Categoria: Poesia

Descrição: Nunca estive em Toronto. Lá estiveram todos meus colegas.

Nunca estive em Toronto.
Lá estiveram todos meus colegas.
Mas já estive meio tonto
De tanta casca que há neles.
Ando tonto por quase nada
Nos últimos dias.
Já estive no quarto de minha casa.

Data : 14/11/2014

Título : Exército de ninguém

Categoria: Poesia

Descrição: Eu poetizo quando o mundo me engole. Frames tantos de avenidas e vitrines

Eu poetizo quando o mundo me engole.
Frames tantos de avenidas e vitrines
Sussurram versos tortos
Nas caras inexpressivas dos consumidores.
Livro de poetas
Foi para enganar a marca estrangeira ou a catedral ou o shopping
Ou a mim mesma.
Livro de poetas
Vem-me nos passos da calçada exata
No singelismo dos semáforos
No ar de toda a selva.
Assim
Quando o mundo me engole
Nas paradas de ônibus
Na medicina inalcançável
No caixa eletrônico sem adjetivo
Na escada e na chave/fechadura e na correspondência
Só então é que me sabatina o ofício dos versos.

Data : 14/11/2014

Título : Facções

Categoria: Poesia

Descrição: Feita de pano Eu fui pregada

Feita de pano
Eu fui pregada
Bisturis de quitina
Quebrando-me as articulações.
Da ala dos retalhos
Vim
Feita toda
Para a celulose.

Data : 14/11/2014
Título : Gula
Categoria: Poesia
Descrição: Eu tenho ganas De escrever 'urubu' com 'h'

Eu tenho ganas
De escrever 'urubu' com 'h'
Um desejo tão forte de cometer esse crime
Tanto quanto a palavra 'úmido'
Que me estremece a mão de gula!

Data : 14/11/2014
Título : Hoje toda a dor do mundo me dói
Categoria: Poesia
Descrição: Hoje toda a dor do mundo me dói É a dor de mim mesma

Hoje toda a dor do mundo me dói
É a dor de mim mesma
É a dor de quem repudia o socialismo a rua a bandeira o poema
É dor de quem não encontra nada
De quem não procura
É dor de quem vegeta no errado

Data : 14/11/2014

Título : Incômodos de João

Categoria: Poesia

Descrição: A abstinência do EU

A abstinência do EU

Operou-me anomalias eternas:

Fogos de artifício, números, celulosos

Tudo eu ponho em primeira pessoa!

Data : 22/05/2014

Título : Inversamente proporcional ao delírio

Categoria: Poesia

Inversamente proporcional ao delírio

Os pinguinhos caem tão devagar.

Ai, sorinho!

Não te delicias assim
Com minhas veias!
Disseram-me
Que tu me levarias a febre
Mas esqueceram de me dizer
Em compensação,
Que tu me trarias palavras!

Data : 01/01/2018

Título : Lá fora

Categoria: Poesia

Lá fora

No natal
Sempre trouxe
Uma caixa de bombom barato
Que adoçou meu coração
Por longos dezessete anos.
Quando se foi
Com uma perna a menos e uma teima a mais
Não pude dizer good bye e até breve.
A diabetes me mata
E eu morro cada dia, tão saudosa
Vivendo na lembrança do teu Sonho de Valsa, meu amigo.
Fora embora e de herança me ficou essa poesia impregnada
Infectando mielinas
Que polivinilpilorridona nenhuma será capaz de desinfectar

Data : 12/11/2014

Título : Licitação de Jornal

Categoria: Poesia

Descrição: O silêncio anda escasso

O silêncio anda escasso

Escondido na algibeira das calças dos poetas.

Favor despi-los.

Data : 13/11/2014

Título : Linfa

Categoria: Poesia

Descrição: saberia a doçura do teu sangue com um teste de glicose

saberia a doçura do teu sangue

com um teste de glicose

mas

jamais saberia a grossura

do teu miocárdio

posto que a vida

é uma mentira

Data : 14/11/2014

Título : Lirismo
Categoria: Poesia
Descrição: A poesia

A poesia
É a abstinência do mundo.

Data : 14/11/2014
Título : Mecânica dos sólidos
Categoria: Poesia
Descrição: O chão É

O chão
É
O
Limite.
O alçapão é o seu complemento.

Data : 17/11/2014
Título : Menina
Categoria: Poesia
Descrição: Ribombam as trovoadas

Ribombam as trovoadas
O raio reluz ao longe.
'O céu raiou'

- diz a criança.

O céu raiou.

Data : 14/11/2014

Título : Metabolismo

Categoria: Poesia

Descrição: Pijama rasgado Alma rasgada

Pijama rasgado

Alma rasgada

O bicho de estimação

Do teu álter-ego

Regado a sangue

Data : 12/11/2014

Título : Meu corpo é uma usina de fadigas

Categoria: Poesia

Descrição: Meu corpo é uma usina de fadigas E que bailando em leitos tristes

Meu corpo é uma usina de fadigas

E que bailando em leitos tristes

Oxida sangue, ácido ribonucléico, salamandra primitiva.

Pudemos conviver, meu corpo e eu,

Com acordos de silêncios

Posto que as células se calassem

Frente a qualquer palavra.

E quando a essência largar desse chão de terra
Ao meu corpo, restará ser só poema.

Data : 01/01/2013

Título : Meu nicho

Categoria: Poesia

Descrição: Eu queria ser astronauta Já quis também ser a gema de um ovo

Eu queria ser astronauta

Já quis também ser a gema de um ovo

Ou quem sabe, ate dançar sob a chuva.

Eu ia quis andar descalça

Entrar no núcleo de uma célula

E pisar cm um formigueiro sem sentir dor.

Também já quis ser ser humano

Íntrons e éxons como todos meus semelhantes

Quis encontrar meu lugar em todos os lugares

De modo que todos se encontram.

[feito partes, de algum lugar

Mas a genética da alma me nega o sangue quente

Nega-me ser humano

Nega-me a rutilância dos relógios

E assim o tempo me diz:

• Volta para o teu nicho, poeta!

[Volta para teu mausoléu de idéias!

Data : 01/01/2015

Título : Meu primeiro formaldeído

Categoria: Crônicas

Poderia amar Salvador Dalí mesmo se conhecesse apenas “A Persistência da Memória”. [Imagine conhecendo “Girafa em Chamas”, então!].

É que ele soube que o primeiro formol a gente nunca esquece. Nem a primeira borboleta azul. Tampouco o primeiro sutiã.

Eu poderia sonhar com aqueles relógios derretidos mesmo no sono às sete da manhã. Ainda assim, sorriria e morreria de riso frouxo, quando acordasse. Acontece que se eu fizesse poemas com tintas, seria na linguagem de Dalí que os expressaria.

Meu primeiro modelo humano parecia Quintana, mais gordo e solitário na cama gélida do seu hotel. A despeito da epiderme dissecada e dos músculos separados, juraria haver visto o coração frio de Augusto dos Anjos no corpo do meu Quintana solitário, na mesa de metal. Não fosse o formol (impregnou-se na minha memória feito os relógios teimosos de Dalí), teria até escrito um poema.

Com um pouco mais de esforço, poderia até ter composto uma elegia pra “Persistência da Memória”, lamentando a sua fidedignificância com a vida. Pena que prefira versos livres.

Quando durmo, com a boca aberta, tenho receio de que as formigas saiam de cima do relógio de bolso de Dalí e entrem na minha cavidade orofaríngea. Tenho medo de que elas tentem roubar as migalhas das minhas imaginações.

Afinal, o tempo que ameaça se desfazer em cadáveres e relógios, acaba persistindo nas memórias e nos formaldeídos da vida.

Data : 17/11/2014

Título : Meu primeiro formol

Categoria: Poesia

Descrição: O olho esquerdo chorando

O olho esquerdo chorando

O bisturi firme na mão destra

E a carteira recheada de impressões tuas.

Ninguém nunca se esquece do seu primeiro formol.

Data : 16/01/2015

Título : Mimetismo

Categoria: Poesia

Descrição: Ando com medo

Ando com medo

Da palavra “através”

E agora me pedem

Para usar um tal de

“por meio de”.

Não sei se estou

Deveras confusa

Ou se a idade das entrelinhas

É que me deixa

Assim

Desolada

Sem os meus vocábulos.

Sei que

Nunca mais através de mim

Nunca mais através do tempo

Nunca mais através de nós.

Agora será só por meio do silêncio

Que eu me camuflarei

Nesse assombroso mimetismo.

Data : 16/01/2015

Título : Minha história de vida
Categoria: Poesia
Descrição: nasci

nasci
aos quarenta e seis centímetros
esticada
e morri
devagar
em muitos anos de vida

Data : 12/11/2014
Título : Minha primeira ordem
Categoria: Poesia
Descrição: Mastiga a caneta

Mastiga a caneta
Pra ver se engole as palavras.

Data : 14/11/2014
Título : Minhas tonsilas
Categoria: Poesia
Descrição: Minhas tonsilas

Minhas tonsilas
Tão lindas na endoscopia

A vibrar poesia!

A vibrar poesia!

Data : 14/11/2014

Título : Não cursei literatura

Categoria: Poesia

Descrição: Não cursei literatura

Não cursei literatura

Mas tenho um professor bom.

Quando tiver o bisturi na mão

Eu juro que eu faço um poema.

Data : 22/02/2018

Título : Nefrologia I

Categoria: Poesia

Descrição: A vida me positivou tantas punho-percussões lombares

Nefrologia I

A vida me positivou tantas punho-percussões lombares

que proteus nenhum nem promessa mais vil
me tira a alegria de uma quinolona original.

Data : 14/11/2014

Título : Neologismos da fantástica idealista branca

Categoria: Poesia

Descrição: Vou desenhar o tédio Para conjugar as gravuras

Vou desenhar o tédio
Para conjugar as gravuras
Das pessoas do discurso.
Vou tediá o entédio
Para entediá a mim mesma
Nessas rimas forçadas.
Há quem reconheça meu dote de pincel de telas
Há quem ignore meus traços.
Por hora, foco a encefalizar o ócio.

Data : 14/11/2014

Título : O derradeiro

Categoria: Poesia

Descrição: Não quero acreditar na vista Preciso trair as retinas

Não quero acreditar na vista
Preciso trair as retinas
Eu não transformei a luz

Em sinais elétricos
Para enxergar
Que há árvores
De páscoa.

Data : 14/11/2014
Título : O diabinho na veia
Categoria: Poesia
Descrição: Tu Que não sabes

Tu
Que não sabes
Que essa pele que te saltas na pálpebra do olho esquerdo
É a veia rebelde do teu corpo condescendente.
Perdeste todo o tempo da tua vida.

Data : 01/01/2013
Título : O Eco para velhinhos
Categoria: Poesia
Descrição: Poesia é para poucos (ou para os loucos)

Poesia é para poucos
(ou para os loucos)
Mas que seja de fato
(pois o eco é o retrato)
E um dia, se eu cansar
(pois eu hei de cansar)

Tu juras que nunca vais adormecer
Antes de me ler?
E se a janela ruir
E se o relógio enlouquecer
Se o meu sono for leve
Tu juras que não vais me deter?
E se eu pular da janela
(dirão: lá vai ela!)
E se como louca eu sorrir
(como louca sorrir!)
E se a frase for curta
Que te deixa tão tomo
Tu juras que me deixas apagar o ponto?

Data : 14/11/2014

Título : O horizonte do poema

Categoria: Poesia

Descrição: Vasculho-MEnsuro-TEnramente O viés da inconsciência

Vasculho-MEnsuro-TEnramente

O viés da inconsciência

Cia.

Companhia

De domingos

De comércios

Das Índias Orientais

De flores laticínios botecos políticos ladrões. O horizonte do poema é comprido.

Data : 14/11/2014

Título : O livro entreaberto

Categoria: Poesia

Descrição: O livro entreaberto A cara amassada

O livro entreaberto

A cara amassada

A respiração, um compasso

Dormindo com poesia

Em cima de páginas azuis.

Data : 01/01/2013

Título : O mistério a que dedico

Categoria: Poesia

Descrição: Peço perdão Ao triste que se passa

Peço perdão

Ao triste que se passa

Entre as (des)rimas

Dos meus poemas.

Mas a ti, leitor.

Eu nada peço

De perdão

Já que a minha face de aço

É tua.

Data : 01/01/2013

Título : O ócio da palavra

Categoria: Poesia

Descrição: Pelas camas da poesia de tantos dias Outras insônias

Pelas camas da poesia de tantos dias

Outras insônias

Depois do calor dos cimentos

O Eco para velhinhos

O mistério a que dedico

A voz da poesia

Da inércia dos poetas

As mãos nunca enganam

Meu nicho

Data : 14/11/2014

Título : O oco

Categoria: Poesia

Descrição: Garrafas vazias Estão cheias de tempo

Garrafas vazias

Estão cheias de tempo

Um tempo parado

Um tempo pesado

Medido em quilogramas

Gramas

Amas

Garrafas vazias estão

Vazias de vácuo

Precisam de silêncio

Não querem refletir o mar como conchas

Deixa as garrafas vazias

Vazias

Data : 16/01/2015

Título : O sacrifício

Categoria: Poesia

Descrição: Eu seria

Eu seria capaz de escrever lasanha com z

Só para te ver feliz.

Data : 14/11/2014

Título : Oferta

Categoria: Poesia

Descrição: Eu te ofereço Esse maço de teias mortas

Eu te ofereço

Esse maço de teias mortas

Para a tessitura do teu poema.

Por vinte anos

A escova de dentes

Esmurrou tua arcada

E de ímpeto nenhum

Nunca criaste um só rebanho de palavras.

Agora

Eu te ofereço

Esse maço de teias

[aquelas acumuladas
Em todos os cantos do teu silêncio]

Data : 16/01/2015

Título : Ofício Médico

Categoria: Poesia

Descrição: Pesquei um doutor

Pesquei um doutor
Na minha rede de saúd (ade)

Data : 14/11/2014

Título : Olhai os Lírios

Categoria: Poesia

Descrição: Olhai os lírios Que crescem debaixo das escadas

Olhai os lírios
Que crescem debaixo das escadas
E cheiram a fumo
Os lírios esquecidos nas esquinas
Ao lado de diplomas
Olhai os lírios
Que não são do campo
Mas que o cimento alimenta

Data : 16/01/2015

Título : Os avós

Categoria: Poesia

Descrição: Dizem os bons costumes

Dizem os bons costumes

Que ao apontares o dedo para uma estrela

Em sua ponta crescerá uma verruga.

Dia desses

Mirei um dedo à lua

E tive a sutil impressão de adquirir pulgas.

Data : 14/11/2014

Título : Os poemas

Categoria: Poesia

Descrição: Dizem que falam.

Dizem que falam.

Mas são mudos de nascença.

Data : 01/01/2013

Título : Outras insônias

Categoria: Poesia

Descrição: Nessa xícara branca entre minhas mãos Esta escrito Tea

Nessa xícara branca entre minhas mãos
Esta escrito Tea
Mas dela eu bebo preto café.
Ando a pensar quão triste é minha xícara
Nessas convenções do mundo.
Não vou comprar uma xícara
Em que esteja escrito Coffe.

Data : 17/11/2014

Título : Palavreamento

Categoria: Poesia

Descrição: Tomem por TU, o poema

Tomem por TU, o poema

Para que eu diga:

¬-Tu és o culpado da celulose!

- Tu és o não ser do que foi sido.

Data : 26/03/2019

Título : Paliativos

Categoria: Crônicas

Não me peças para ouvir I Don't Like Mondays. Nem qualquer outra coisa que me faça terna. Não me peças para cantar, no chuveiro, aquelas canções tristes que tu ensinaste para eu ter olhos de neblina. Nem peças que eu fale sobre minha rotina para tu fingires apreço. Se quiseres, peça-me pra não sentir nada.

Peça-me ausência, que responderei. Mas, por favor, não me peças para escrever um poema com o teu nome, daqueles em que a dedicatória diz mais que o primeiro verso. Se quiseres, peça-me para escrever um haikai de despedida, daqueles em que três redondilhas dizem o necessário, e só. E se quiseres, também, peça uma xícara de chá verde, daquelas com gosto de ócio e mentira, para lembrares que as madrugadas ainda se tecem sobre esses paliativos. É fundamental que não me peças um conjunto novo de talheres, nem lasanhas pré-cozidas para alimentar tua glicólise (experimenta um pouco de jejum, tu, também). Mas, se quiseres, peça-me um copo vazio para teres certeza de que haverá espaço para armazenar tuas lágrimas. Também, solicita um atestado de embriaguez para a escusa do choro. Só não me peças para sentar ao teu lado e alisar teus cabelos escuros, feito em outros tempos. Nem me peças para ler Bukowski à tua cabeceira, que não quero ouvir teu riso irônico. Não aguardes que o inverno chegue cedo para tu acenderes a lareira. Nem me peças para levar a lenha, que nesse frio serei só minha. Mas, se quiseres, empresto o cobertor fino que no último inverno adquiriu o primeiro rasgo. Não me peças datas insignificantes. Nem as que significam, que os calendários morreram no último abril. Se for espontâneo, contudo, peça-me pra ficar em silêncio e conta-me o século XVII, fato a fato. Só não me peças aulas de literatura para que eu não caia nas armadilhas das palavras, à tua frente. Nem me fales frases bonitas, que a ternura é assaz digna para ser inverdade. Se quiseres, podes acender um cigarro, que o tabaco, quase sempre, cura a culpa. Só não me peças o fósforo. Que este já esgotou no saldo líquido dos meus paliativos.

Data : 17/11/2014

Título : Palmihar

Categoria: Poesia

Descrição: Palmilhar Não é inventar palmilhas

Palmilhar

Não é inventar palmilhas

Para os pés!

Pés têm de ser descalços

Para estuprar a terra.

Palmilhar mesmo

É como ter um estetoscópio mais apurado

Que apalpa o vento

Para auscultar o infinito.

Data : 16/01/2015

Título : Pão nosso de cada dia

Categoria: Poesia

Descrição: É mais fácil quebrar uma haste de ferro

É mais fácil quebrar uma haste de ferro

Do que a cara de pau

De um energúmeno

Na Avenida Sete de Setembro.

E na Avenida Brasil também haverá outros energúmenos e outros estudantes e outros vendedores de picolés que me olharão com retinas de ignorância e que não saberão o que é um poema de Dickinson ecoando no fim do osso parietal.

Acho que vou escrever autoajuda para os pombos da praça.

Data : 17/11/2014

Título : Para os barros, para as lamas

Categoria: Poesia

Descrição: Requisitos mínimos Para a poesia:

Requisitos mínimos

Para a poesia:

Ter um olho

Com defeito de ave.

Saber o alfabeto

Em ordem decrescente.

Injetar Manoel na veia cava

Pelo menos duas horas
Depois do nascimento.

Data : 17/11/2014

Título : Para que seja

Categoria: Poesia

Descrição: Pouco importa Se faça

Pouco importa

Se faça

Se tesoura

Se navalha

Se a puta que pariu da falácia filosófica e

Do diagrama de não sei quem.

Importa é que corte, doutor.

Data : 16/01/2015

Título : Pátria Mãe

Categoria: Poesia

Descrição: Leguei-te

Leguei-te

Línguas e Lácios.

Data : 01/01/2013

Título : Pelas camas da poesia de tantos dias

Categoria: Poesia

Descrição: Se perguntarem os poetas em que me inspiro Tenho na ponta da língua o nome de três

Se perguntarem os poetas em que me inspiro

Tenho na ponta da língua o nome de três

Cecília. Manoel. Mario

Não o de Andrade, nem o Quintana, tampouco o Pirata

É MAR de fora, é RIO de dentro

É de vertente de água/linfa/palavra/poesia

É de foz, e deságue

É de estuário do Prata

Prataria de castiçais

A fundir as águas/os nomes/as palavras

É MAR. c RIO de gente

De toda a gente que há só dentro de mim

Poesia é fogo que arde sem pouca dor

É rima que asfixia de excesso dos excessos de amor

Poesia é combate

Que os normais não abate

Que cm loucos, nos loucos, é que tende a nascer.

Data : 17/11/2014

Título : Pelos versos livres

Categoria: Poesia

Descrição: E por dever um título O moço da barba branca

E por dever um título

O moço da barba branca
Já nos engole as sinapses.
Mas, por dever um título
He-mos de atacar o moço
[da barba branca]
E destinar-lhe a frieza
De papeis clandestinos.
Ora, quintaneamos foragidos
Pedintes de sombra
Para cheirar nos becos
O odor selvagem
Da poesia verdadeira

Data : 17/11/2014

Título : Perdão, pianista!

Categoria: Poesia

Descrição: Tu amanheceras para cafés E, tão sutil

Tu amanheceras para cafés
E, tão sutil
Calculaste o silêncio numa equação.
Assim, efêmero como o pó,
Pediste também pelas enfadonhas métricas.
Eu quis achar a rima, pianista.
Juro-te que a busquei,
Mas, vejas tu,
[nestas pobres linhas]
Que tudo o que me restou
Foram estes versos brancos e livres.

Data : 14/11/2014

Título : Permissão

Categoria: Poesia

Descrição: Eu te deixo Bichar-me de estimação

Eu te deixo

Bichar-me de estimação

Para ser tua melhor amiga.

Eu deixo minhas veias em

Qualquer esquina

Para ser só aço

Para ser só minha.

Data : 17/11/2014

Título : Perplexidade

Categoria: Poesia

Descrição: Tão raro Já Baleastrin

Tão raro

Já Baleastrin

Fareja-me de níquel.

Espero a digressão dos pronomes

Porque vivemos não de linhas exímias,

Mas, meu doutor, de entrelinhas.

Data : 17/11/2014

Título : Plantei uma árvore

Categoria: Poesia

Descrição: Plantei uma árvore Chamada Meu Milho Preferido

Plantei uma árvore

Chamada Meu Milho Preferido

No pátio de casa.

Todo mundo fala da helioverpa

E eu só pensando na raiz quadrada de um poema elevado na sexta.

Data : 14/11/2014

Título : Poeta

Categoria: Poesia

Descrição: O poeta cresce às avessas,

O poeta cresce às avessas,

Nasce velho, propenso a silêncios

Morre menino, com sabor de metáfora.

Data : 17/11/2014

Título : Porque o amor tem quatro letras.

Categoria: Poesia

Descrição: Para ser capaz de amar Há que nascer-se para dentro,

Para ser capaz de amar

Há que nascer-se para dentro,
Há que morrer-se de pedra
E ressuscitar-se de junco.
Para ser capaz de amar
Há que sorver o ar das cidades,
Há que expirar sensações de flores.
Há que reinventar-se
Milhões de vezes.
Para ser capaz de amar
Há que recitar dicionários,
Há que ler Quintana,
Há que saber escrever
A palavra amor.

Data : 26/03/2019

Título : Primórdios

Categoria: Contos

Primórdios

Na emergência a vida palpita. Sem metáfora. Sem ironia. É uma veia que pulsa, é um miocárdio que falha. Um são que endoidece.

Minha primeira emergência foi um velho chamado Hortêncio que padecia de lonjura. Apliquei alguma coisa em seus vasos sanguíneos e mandei para a ala das baianas. Agradeceu com chocolates, na semana seguinte. Era fevereiro, carnaval de 1986. Nesse mesmo ano criaram o Conama, mas quem sabe o que é o Conama? Comprei minha habilitação para dirigir três anos antes, quando nem precisava ser alfabetizado e o meio ambiente, um conceito bonito.

A segunda emergência foi poucos minutos depois do Hortêncio. Era uma mulher de trinta anos, pulsos magros. O marido a acompanhava. Teve uma crise de nervos incontrolável. O filho mais velho não atendia suas ligações há dois dias, comemorava o feriado em outras paragens. Parecia que alguém o tinha visto

com uma loira mais jovem. A mulher falou toda a vida em quinze minutos. Escutei os três primeiros. O resto do tempo cuidei que as unhas estavam feitas e deveria haver uma empregada doméstica na sua casa. Internei-a e mandei injetarem algo para ela adormecer por muitas horas. O marido, ordenei que fosse para casa e deixasse a sala arrumada para quando ela voltasse.

Minha terceira emergência médica foi a mais excêntrica. Chegou um homem desesperado. Usava camisa listrada, em tons de azul. Cabelos escuros e nariz gigantesco. Trazia, enroscado em seu pescoço, um menino pequeno e com uma das mãos puxava uma corda preta. Interpelei-os imediatamente. O homem estava furioso, apontou-me o menino e virou os olhos para cima. O garoto estava com a boca ensanguentada e cheia de pelos escuros. O braço também sangrava. Olhei para o chão e vi que eles traziam um cão de pelos pretos amarrado na corda. Seguiu-se um minuto de silêncio, em que médico e espectador se debatiam. Um pouco hesitante, o menino explicou-se, com ares de escusas:

- O cão me mordeu e eu, bem... mordi o cão!

Foi a minha emergência mais excêntrica. Sem mais definições. Aliás, não se fazem mais emergências como em 1986.

Data : 17/11/2014

Título : Professorando

Categoria: Poesia

Descrição: Explodir

Explodir

É uma palavra com azia

Data : 22/02/2018

Título : Quando exprimo meus afetos menos rígidos

Categoria: Poesia

Descrição: Quando exprimo meus afetos menos rígidos, por favor, não diz que meu humor é hipertímico

Quando exprimo meus afetos menos rígidos,
por favor, não diz que meu humor é hipertímico
Isso doi no timo que nem tive
e ecoa no meu fígado comatoso de hepatócito.
Quando eu conto uma miragem que ouvi colorida,
não me venhas dizer que a alucinação é sinestésica,
porque eu sei, baby,
que tu vais me clozapinar, até o osso
e no fundo do útero
eu só desejo alucinar para sempre, amor

Data : 17/11/2014

Título : Quase haikai

Categoria: Poesia

Descrição: Quase que eu resvalo no chão

Quase que eu resvalo no chão
E caio no fundo poço dos teus olhos
E descubro o sabor da lágrima
E descubro-te as pálpebras.

Data : 17/11/2014

Título : Que assim o façam

Categoria: Poesia

Descrição: Há uma rachadura no teto. Os engenheiros demolirão as vigas.

Há uma rachadura no teto.
Os engenheiros demolirão as vigas.
Eu, nessa hora,
Já isenta
Dessas pseudo- superfícies,
Desmorono para dentro.
Quisera o relógio
Andar assim tão cansado.

Data : 17/11/2014

Título : Quinze mariposas

Categoria: Poesia

Descrição: Quinze mariposas Grudadas no mosquiteiro

Quinze mariposas
Grudadas no mosquiteiro
Fitam-nos por sobre a renda
Do sono e dos tecidos.

Data : 17/11/2014

Título : Receita para fazer ruídos

Categoria: Poesia

Descrição: Quando eu piso em folhas secas

Quando eu piso em folhas secas
Tenho a impressão

De que meus ossos se quebram.

Data : 17/11/2014

Título : Regalias

Categoria: Poesia

Descrição: Nascer poeta É uma incógnita.

Nascer poeta

É uma incógnita.

Não nego.

Mas temos as nossas regalias

Estamos isentos da gramática

E podemos inventar qualquer palavra

Por mais estranha que seja

Ainda assim dirão que é poesia.

Não que nos prevaleçamos disso,

Com certeza que não

É só que

Não gostamos de dicionários.

Data : 16/01/2015

Título : Retrato

Categoria: Poesia

Descrição: Cílios

Cílios batendo nos olhos

Rasgando retinas de luz.

Data : 17/11/2014

Título : Rimar

Categoria: Poesia

Descrição: Rimar É

Rimar

É

A disenteria

Do poeta

Data : 26/03/2019

Título : Robótica

Categoria: Contos

Robótica

Nascera em 25 de outubro, mas, nos últimos dez minutos quisera ter nascido em 25 de setembro. Não que um mês antecipado em sua vida fizesse alguma diferença, não teria tirado a carteira de habilitação antes, não teria arranjado outro namorado, tampouco teria os cabelos tingidos de outra cor.

Há dez minutos que estava caminhando pela avenida movimentada das seis da tarde e já havia passado pelas mesmas trinta lojas da quadra em que morava todos os dias. Sim, morava todos os dias na mesma cama, no mesmo banheiro,

na mesma cozinha esbranquiçada e fedida de desinfetante pela sua insana mania de limpeza. Morava todos os dias no mesmo corpo limpo, hidratado, vestido a caras roupas e cansado dos mesmos cansaços do dia anterior.

Há dez minutos que não queria entrar em casa porque o vento na rua estava apazível, a friagem da tarde lhe agradava, o cheiro de pão fresco da padaria era atraente. Foi à esquina, comprou os sagrados pães de queijo e devorou-os como em todas as tardes. Pediu um copo de leite, como tanto gostava e, ah... como o dia estava descartável.

E entre tantas coisas banais e cálculos antigos, nascer um mês antes não adiantaria para nada, mas seria interessante comemorar dois aniversários de um mesmo corpo, nascer duas vezes, uma para o tédio, outra para a vida. Ah... há dez minutos que tudo estava tão exatamente igual a todos os outros dias iguais. O leite na mesma temperatura, o relógio pontualmente exato, a mochila rasgada, os cactos no canteiro da avenida.

Para a noite, quem sabe alguma leitura. Dyonélio Machado, talvez, Os Ratos. Enfim, jantar, banho, cama, sonhos velados, ou a insônia. Uma coisa ou outra, pouco importa. Restando acordar rocha, no outro dia, esculpir cimentos e trocar as datas de nascimento. Para tudo fomos feitos.

Data : 17/11/2014

Título : Sangue

Categoria: Poesia

Descrição: Pede-se a lajota E recebe-se o cimento.

Pede-se a lajota

E recebe-se o cimento.

Mas o cimento é demasiado negro

Para minhas sonambulâncias.

Hei de despertar perto das onze

E encontrar minha vaga

Nos despojos dos desgostos.

Data : 16/01/2015

Título : Semi-haikai

Categoria: Poesia

Descrição: Errei na vida

Errei na vida

Pra acertar nos poemas.

Data : 12/06/2014

Título : Será Preciso

Categoria: Poesia

Descrição: Será preciso Entender mais Que estes fios claros

Será preciso

Entender mais

Que estes fios claros

Para inferir-lhe a alma.

Dissera que uma tarde de sono

Bastaria

Para

Morrer

Dançar

Extorquir

O algoz maldito

Desse relógio

Que carregas no pulso.

Encomendara-me um poema

Mas não pude

Rimar-lhe a vida
Em três ou quatro métricas.
A circunstância, minha cara,
É o que te esvai o sangue
E te dilata as pupilas.

Data : 17/11/2014

Título : Sherlock

Categoria: Poesia

Descrição: O irrelevante do meu corpo Não está nos caninos brancos,

O irrelevante do meu corpo
Não está nos caninos brancos,
No pulso mais magro
Em que o relógio dança valsas.
O irrelevante do meu corpo não está aqui:
Na friagem mais morna
Na madrugada mais cedo
No úmido mais seco.
O irrelevante do meu corpo
Jamais o descobriram
Na ausência dos nexos oracionais.
É que, talvez,
Jamais tenham descoberto
Que corpos e poemas se fundem.

Data : 17/11/2014

Título : Sim, Doutor!

Categoria: Poesia

Descrição: Perguntei aos meus olhos Porque não mais enxergavam

Perguntei aos meus olhos
Porque não mais enxergavam
Eles não responderam.
E então fui embora
Larguei as rimas pelo caminho
Sangrando versos em todas as estações
Eu quis laçar as retinas
Quis lentes
Quis sorrisos
Mas, na ciranda dos silêncios
Entendi que não eram os olhos
Que se escureciam,
Era a alma que sangrava.

Data : 01/01/2018

Título : Stahl

Categoria: Poesia

Stahl

I'm sorry por roubar suas
Histórias, teacher.
I try não poetizar teus encantos
Mas Freud, aqui de dentro, me deu uma voz de comado
Mandando catexizar a comunhão e a crisma
E agora estou presa e excomungada de onde nasci

Sendo catequizada por síndromes e vias glutamatérgicas
Só pra entender que o GABA é vaidoso e a Dopamina
Ah, essa ai é uma puta!

Data : 14/11/2014

Título : Tic-tac

Categoria: Poesia

Descrição: Envelhecer

Envelhecer

É função dos relógios.

Data : 17/11/2014

Título : Tijolinhos cinza

Categoria: Poesia

Descrição: Morro a cada segundo E não porque o tempo passe.

Morro a cada segundo

E não porque o tempo passe.

Envelheço mil anos

Em uma gota de orvalho,

Quisera eu morrer de cognição!

Não desejava rimar,

Mas palavra mais cabível

Não encontrei:

O tempo me mata

É de percepção.

Data : 14/11/2014

Título : Triste poema

Categoria: Poesia

Descrição: Macularam o poema com rimas E agora o pobre diabo

Macularam o poema com rimas

E agora o pobre diabo

Padece de pneumonia.

Tosse por horas

Escarra versinhos

Regurgita haicais.

Os doutores suspeitam também

De esquizofrenia

Ferida que atrai versos brancos

Para a medula espinhal.

Data : 17/11/2014

Título : Um lápis azul

Categoria: Poesia

Descrição: Um lápis azul Numa folha negra

Um lápis azul

Numa folha negra

Não irá gerar uma metáfora

Pobre e comum

Que tu esperas

Um lápis azul
Numa folha negra é
Só um lápis azul
Numa folha negra
Vistoria

Deu uma vontade de escrever um poema
Que se chame Vistoria.
Mas eu não sei o que se escreve num poema com esse título.
Você, caro leitor, compreenda
Que um poeta
Também tem gula.

Data : 14/11/2014

Título : Verão

Categoria: Poesia

Descrição: Olhe que nem estou inventado Para enfatizar a poesia:

Olhe que nem estou inventado
Para enfatizar a poesia:
Na parede do meu quarto
Mora um vaga-lume
Às vezes, perto da tomada,
A luz dele fica mais forte.
Como são úteis essas lamparinas!

Data : 16/01/2015

Título : Versos brancos

Categoria: Poesia

Descrição: A vista dessa cidade estranha

A vista dessa cidade estranha

É estranha.

Eu supus monstros de neblina,

Mas dissera-me: nada havia.

Eram só os olhos.

Poeta, fui só

Por dois ou três dias.

Todo o resto

Foi autoanálise.